



Homenagem a Narciso Lobo

*Nelson Matos de Noronha**

No dia sete de janeiro de 2009, Narciso Júlio Freire Lobo fazia atualizar pela última vez seu *Curriculum Vitae* na plataforma Lattes do CNPq, na qual a coluna Dados Gerais registra o seguinte texto:

Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal Fluminense (1977), especialização em Psicologia do Ensino/Aprendizagem (1981), pela Ufam; mestrado em Cinema (1987) e doutorado em Ciências da Comunicação (1997), ambos pela Universidade de São Paulo (USP). É membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Autor de *Ficção e política: o Brasil nas minisséries* (2000) e *Tônica da descontinuidade: cinema e política no Amazonas* (1994), dentre outros, além de textos publicados em revistas acadêmicas e jornais. Na Pós-Graduação, ministra *Sociedade em Rede: desafios amazônicos e Epistemologia e Metodologia das Ciências Humanas e Organização da Comunicação e os Discursos Mediáticos*; na Graduação, *Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação Social, Teorias da Comunicação e Metodologia da Pesquisa Científica em Comunicação*. Pesquisador da Ficção Seriada Televisiva, vinculado ao Núcleo de Pesquisa (NP 14) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e do Observatório Iberoamericano de la Ficción Televisiva (Obitel). Mantém, pela internet, o Jornal da Selva (<http://njlobo.blog.uol.com.br>) publicando textos sobre comunicação, política, cultura, etc, além de crônicas e poemas.

* Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Ufam.

A notícia de seu falecimento, em 24 de julho de 2009, emudeceu a muitos de nós, que com ele convivemos na Ufam em Manaus, durante mais de vinte anos. As referências de sua vida intelectual e cidadã se estendem para além dos dados acadêmicos que lemos no registro do CNPq. O fato de se apresentar como professor dos programas de pós-graduação mostra o seu afeto e sua dedicação aos estudantes, docentes e servidores da Ufam, ao ensino, à pesquisa e à extensão, enfim, ao trabalho universitário, para o qual dedicou muitos dos melhores anos de sua vida. Talvez ainda não tenhamos nos dado conta do significado de sua perda. Talvez, com ele, tenha desaparecido a própria universidade na qual gerações se formaram no espírito da excelência acadêmica e no exercício da cidadania. Pouco mais de um mês antes de seu passamento, a Ufam foi surpreendida pela notícia de que o professor Gilson Monteiro, seu ex-aluno e colega de departamento e de programas de Pós-Graduação, havia sido agredido em pleno exercício da docência, nas dependências do Campus Universitário, em Manaus. Cruzei com o professor Narciso no dia 15 de maio, pela manhã, no dia em que a comunidade universitária se reuniu no Hall do ICHL para prestar solidariedade ao professor Gilson e repudiar a agressão que atingiu a toda as universidades brasileiras. Não conversamos muito, apenas lamentamos o ocorrido. Sem imaginar o que estava para acontecer com Narciso, observei que seu semblante parecia triste e vencido. Depois fiquei sabendo que, naquele mesmo dia, à tarde, ele fora levado ao hospital.

Como então coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, liguei para ele para lhe perguntar se poderíamos fazer-lhe uma visita e se ele desejava que formássemos um grupo de colegas para corrigir os trabalhos de seus alunos no prazo determinado para o lançamento de notas. Ele me agradeceu e disse que preferia não receber visitas, que sua irmã estava providenciando tudo de que ele necessitava e que estaria de volta ao trabalho a tempo de lançar as notas. Pouco tempo depois, viajei a Curitiba a serviço de nosso sindicato, a Associação dos Docentes da Universidade do Amazonas (Adua/Seção Sindical). Naquela cidade, recebi a notícia de sua morte. Quando retornei a Manaus, fui encarregado de tratar da redistribuição de seus orientandos no curso de mestrado. Com a professora Selda Vale, busquei, em sua residência, os trabalhos que deveriam ser corrigidos coletivamente pelos colegas do PPGSCA. No reinício das aulas, fizemos-lhe uma homenagem pública no auditório Rio Solimões, do ICHL, na qual a professora Marilene Corrêa da Silva Freitas, sua amiga de longa data, discorreu sobre sua trajetória, desde os tempos de estudante do

ensino médio, no Colégio Estadual, hoje, D. Pedro II, até o seu ingresso na Academia Amazonense de Letras e no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.



Narciso Lobo com Joaquim Marinho
Acervo de Selda Vale da Costa

Minhas lembranças pessoais do professor Narciso Lobo remontam ao primeiro semestre de 1984, quando fazia o terceiro período do curso de licenciatura em filosofia. Naquela época, o Instituto de Ciências Humanas e Letras ainda estava situado na rua Emílio Moreira, no prédio do antigo Seminário São José. Apesar da distância que nos separava do Campus Universitário, vivíamos em constante agitação pela presença contínua de estudantes e professores dos cursos de ciências naturais, exatas, agrárias, das engenharias, da medicina, da farmácia, da geologia e outros que se instalaram antes de nós no minicampus. No ano anterior, numerosos debates se realizaram entre nós em homenagem ao centenário da morte de Karl Marx. Narciso se encontrava em Manaus para fazer suas pesquisas destinadas à elaboração de sua dissertação de mestrado que deveria defender na Escola de Comunicação e Artes, da USP. Mestrado, Doutorado, Pós-Graduação ainda não eram palavras correntes na então U.A. (Universidade do Amazonas). Muitos de meus contemporâneos que hoje atuam na política, na imprensa e na universidade buscavam no ICHL as ideias e o clima intelectual gerados pela chegada do professor Narciso.



Narciso Lobo no auditório Doutor Zerbini, na Ufam
Acervo Selda Vale da Costa

Se a luta contra a ditadura militar ganhava cada vez mais a opinião pública brasileira, um ranço de autoritarismo ainda carregava muitas suspeitas contra o pensamento de esquerda. A publicação do livro *Hoje tem Guarany*, de Narciso Lobo e Selda Vale, deu novo alento aos idealistas que ainda acreditavam na iminência da revolução social e, ao mesmo tempo, sonhavam que poderiam lograr, além da queda da burguesia, a libertação do machismo, do patriarcalismo, do preconceito e de outras cadeias que, infelizmente, ainda nos prendem e perpetuam nossos temores. Na lista de nossos livros de referência, as coleções da Editora Brasiliense, *Primeiros Passos*, *Encanto Radical*, *Tudo é História* forneciam os temas de seminários, trabalhos acadêmicos, projetos de pesquisa e, sobretudo, das conversas de corredor que, aliás, continuavam nas salas das livrarias Nacional e Maíra e nos bares “alternativos” que, então, faziam concorrência ao Bar da Bica, do Armando. Naquela época, o “Galvez” situava-se na esquina das ruas Major Gabriel e Ipixuna, o “Opção” ficava ali na Dr. Almino, perto da ponte de Educandos. Pasolini, Caio Fernando de Abreu, Marcelo Rubens Paiva, Foucault, Deleuze, Le Clezio, Paulo Leminski, Nietzsche, Roberto Machado começavam a



competir, nas acirradas disputas universitárias, com os titânicos Platão, Hegel, Engels, Marx, Lenin. Aproveitando a animação, Trotski pegava carona na esteira de Frida Kahlo.

Voltei a ter uma convivência mais próxima a Narciso Lobo a partir do ano 2000. Acabava de retornar de Campinas, onde havia estado durante quatro anos para cursar o doutorado. Juntei-me a alguns colegas que estavam, então, engajados em um projeto diferente, mas não incompatível com as lutas dos anos oitenta. Diferente, pois concernia à fundação dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu* do ICHL e não ao engajamento político-partidário. Sem incompatibilidades com as ações anteriores, pois o que lhes movia o ânimo era a possibilidade de obter, na Ufam, condições para fazer da universidade um centro produtor de conhecimento, reflexões e ações voltados para a compreensão do social; compreensão que deveria se ancorar em dados empíricos, teorias, procedimentos técnicos e, sobretudo, no rigor da academia. Em 2001, Narciso ainda exercia o cargo de Diretor-Presidente da Adua, o que era muito significativo, pois seu mandato indicava a inserção no sindicalismo local de um tipo de engajamento político e cultural que vem resistindo bravamente contra os achesques do peleguismo. A partir de 2002, seu envolvimento com o então PPG Natureza e Cultura na Amazônia tornou-se cada vez mais intenso. Com Elenise Scherer e eu, assumiu a coordenação do Programa. Ao lado de Selda Vale da Costa, assumiu a política editorial do programa. Por sua iniciativa, a *Somanlu – Revistas de Estudos da Amazônia* tornou-se o principal veículo de divulgação das pesquisas do mestrado. Até 2007, foram realizados três seminários de avaliação do Programa de Pós-Graduação. Em todos eles, a presença do professor Narciso Lobo foi decisiva para a definição das políticas de pesquisa, de ensino e de publicações que adotamos, incluindo-se aí a decisão da mudança de denominação para PPG Sociedade e Cultura na Amazônia e a adoção da área de concentração: “processos socioculturais”.

A partir do segundo semestre de 1984, o Instituto de Ciências Humanas e Letras foi transferido para o Campus Universitário. O jovem professor reunia em torno de si numerosos estudantes entre os quais muitos iniciaram-se no jornalismo antes de concluírem o curso. As aulas do professor Narciso eram concorridas e se estendiam até depois do meio-dia, em decorrência do entusiasmo com que os alunos debatiam as questões do momento: aderir à candidatura de Tancredo Neves ou radicalizar a luta pelas Eleições Diretas? A favor ou contra a pena de morte? Legalizar ou criminalizar o uso de drogas? Rock ou Música latino americana engajada? Cinema



de entretenimento ou cinema *cult*? ali se discutia o “*Je vous salue Marie*”, de Godart, e “A Rosa Púrpura do Cairo”, de Woody Allen. Tempos de liberdade e alegria no novo Campus Universitário, quando estudantes e professores deliciavam com os festivais de música que se realizavam no campo de futebol do minicampus.

De 1989 a 2003, Narciso Lobo exerceu o cargo de Pró-Reitor de Assuntos Comunitários da Universidade do Amazonas, hoje, Ufam. A marca deixada por sua administração foi o aprofundamento da democracia e a difusão do debate de idéias, além do incentivo a numerosos programas de assistência aos estudantes e servidores.

Os programas de pós-graduação surgiram em decorrência das políticas governamentais adotadas em vista da necessidade de qualificação do pessoal docente. Nos anos noventa, víamos esse processo como desejável, pois com ele, esperávamos que as universidades pudessem alcançar, ao mesmo tempo, melhores indicadores de qualidade no ensino e na pesquisa bem como as condições necessárias à obtenção da autonomia diátrica-científica e administrativa.

Junto com Renan Freitas Pinto, Marilene Corrêa Freitas, Elenise Scherer, Selda Vale da Costa, Walmir Albuquerque, Marcos Frederico Kruger, Heloísa Lara da Costa, Odenildo Sena, Evandro Cantanhede, Luís Balkar Pinheiro, Lígia Fonseca Hayer, Yoshiko Sasaki, José Aldemir de Oliveira e outros professores da Ufam que, pouco a pouco, retornaram de seus doutorados, Narciso Lobo compartilhava a concepção de que a Universidade do Amazonas deveria cumprir um papel maior do que aquele para o qual o pensamento estratégico-militar a havia destinado, isto é, como instrumento na política de integração do território nacional. Ele havia, desde os tempos do Grupo de Estudos de Cinema (GEC), conhecido o pensamento de Paulo Freire e acreditava que a educação pudesse produzir um efeito libertador para as classes populares. Investir nossas energias na implantação de cursos de mestrado e doutorado parecia um esforço similar ao que desprendemos durante as greves que fizeram a memória gloriosa das lutas sindicais dos anos oitenta e noventa.

O engajamento na luta sindical e o trabalho dedicado à consolidação dos cursos de pós-graduação da Ufam constituem parte fundamental de uma trajetória de vida dedicada inteiramente a um tipo de ação política fundada sobre o exercício permanente da reflexão teórica e na incessante observação crítica da atualidade. Seus trabalhos acadêmicos representam contribuição fundamental para a compreensão dos processos de desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil, particularmente, para o estudo da história recente do jornalismo e da cultura cinéfila e de televisão. Quem pretende



estudar os movimentos culturais que se desenvolveram em Manaus, a partir dos anos 1960, não poderá dispensar a leitura des suas obras.

Narciso familiarizou-se com a internet e passou a escrever em seu Jornal da Selva. Cinema, literatura, televisão, psicologia, jornalismo e assuntos do cotidiano tornaram-se temas de suas crônicas e de seus comentários finos, inteligentes e críticos. A interrupção de seus escritos foi tão abrupta quanto seu desaparecimento. O mesmo silêncio gerado pela notícia de seu passamento se manifesta cada vez que somos impelidos a lembrá-lo. Uma voz forte se calou.

Tomei a liberdade de reproduzir aqui o último texto publicado no Jornal da Selva:

Jornal da Selva

15/3/2009

Oriente-Occidente

Lições do I Ching

Ele diz com todas as letras:

É preciso persistência

Na travessia do grande rio

Diz que a luz do sol poente

Sinaliza o transitório

Da existência impermanente

E adverte: Nem euforia desenfreada

Nem tristeza amedrontada

Ambas totalmente erradas

Escrito por Narciso Lobo às 5h18



Referências

BIZARRIA, Fernanda Moura; LOBO, Narciso Júlio Freire. *A construção das identidades no documentário: os povos amazônicos no cinema*. Manaus, 2007. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Sociedade e Cultura na Amazônia - Ufam/ICHL/Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia.

CAVALCANTE, Elizabeth Duarte; LOBO, Narciso Júlio Freire. *Indústria fonográfica no Amazonas: subjugação aos padrões globalizados e realização da liberdade possível*. Manaus, 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Ufam Manaus.

COSTA, Selda Vale da; LOBO, Narciso Julio Freire; SUPERINTENDÊNCIA CULTURAL DO AMAZONAS. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1987. 203 p.

LIMA, Valmir Rodrigues; LOBO, Narciso Júlio Freire. *Rádios comunitárias no Amazonas: democracia e participação*. Manaus, 2003. 119 p. Dissertação (Mestrado) - Ufam.

LOBO, Narciso Julio Freire; FARKAS, Thomaz. *Manaus, anos 60: a política através do cinema*. SAO PAULO, 1987. 267P.

_____. *Ficção e política: o Brasil nas minisséries*. Manaus: Valer, 2000. 348 p.

_____. *Duas Cidades, duas memórias... Somanlu Revistas de Estudos Amazônicos*, ano 6, n. 1 jan./jun. 2006. p. 217-220.

_____. *A aventura de fazer cinema no Amazonas – Entrevista e homenagem a Cosme Alves Netto. Somanlu - Revista de Estudos Amazônicos*, ano 7, n. Especial, 2007. p. 101-148.

TEIXEIRA, Cynthia Alcântara; LOBO, Narciso Julio Freire. *Mad Maria: do romance à minissérie*. Manaus, 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Ufam.

TRINDADE, Inácia Maria Caldas; FREIRE, Narciso Júlio Lobo. *Aspectos sociais da comunicação entre os Sateré-Mawé: um estudo da comunidade Santa Maria do Urupadi/Maués-Am*. Manaus, 2003. 125 p. Dissertação (Mestrado) - Ufam/ICHL.



NARCISO POR ELE MESMO¹⁹

Narciso Júlio Freire Lobo

Nasci em Manaus, no dia 7 de Outubro de 1949.

Meus pais, já falecidos: Júlio Clóvis Thaumaturgo Lobo e Aracy Wanderley Freire Lobo.

No período de escola primária, cursado no então Instituto Christus do Amazonas, muito me marcaram as palestras de um jovem padre, chamado L. Ruas, que utilizando uma propaganda comercial como mote, falava da necessidade da busca da autenticidade.



Narciso Lobo
Acervo de Selda Vale

¹⁹ Texto pertencente aos acervos do Navi – Núcleo de Antropologia Visual da Ufam, cedido gentilmente por Selda Vale da Costa.



Eram os tempos de João XXIII.

Veio 1964 e, para minha frustração, vi que Padre Ruas, como era conhecido, havia sido preso pela nova ordem. Não entendi muito bem o que estava acontecendo, mas, já em 1967, como aluno do Colégio Estadual do Amazonas, num certo dia 16 de outubro, como representante dos alunos, fui encarregado de fazer um discurso em homenagem aos professores e, de forma muito singela, reivindiquei a volta do funcionamento do Centro Estudantil “Plácido Serrano”, uma biblioteca, bons professores bem-remunerados, condições didáticas para o ensino-aprendizagem e liberdade para, “como estudante, gritar quando algo nos parecer errado”. Alguns gostaram do que disse; outros não.

A paixão pelo cinema, e o cineclubismo como escola onde se travaram debates sobre a estética, a ética e a política, foram vitais nessa época, sobretudo com o Grupo de Estudos Cinematográficos e suas sessões semanais numa das salas do Sesc-Senac.

Nesse mesmo ano de 1967, com outros companheiros de geração, assumimos a direção da União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (Uesa) e no famoso 1968 ajudamos a mobilizar outros jovens contra o assassinato de Edson Luiz de Lima Souto: Missa de Sétimo Dia na Igreja de S. Sebastião e marcha pela rua Barroso até a então sede da Uesa, onde cantamos o Hino Nacional e nos dispersamos. Nesse período, de forma intuitiva, editamos os jornais estudantis “O Elo” e “Elemento 106”, que contavam com a velada simpatia de intelectuais, sobretudo de Élon Farias, então diretor-presidente da Superintendência Cultural do Amazonas, que fornecia papel para impressão, barateando os custos e possibilitando que atingíssemos as salas de aula dos colégios de Manaus e de várias cidades do interior do Amazonas.

Em 1969, pelas mãos seguras do Arlindo Porto, iniciei minha “vida profissional” como repórter de um jornal que então surgia, “A Notícia”. Foi um período rico, sentia-me muito importante entrevistando personalidades como Roberto Burle-Marx, Aurélio Buarque de Hollanda e outras personalidades, que passavam por Manaus, além de cobertura de eventos como I Festival Norte de Cinema Brasileiro, aqui realizado.

Ao mesmo tempo, senti que o jornalismo, para ser tocado com ética e responsabilidade, precisava do aporte de novos conhecimentos. No início de 1970, parti para o Rio de Janeiro. Ali fiz vestibular para o curso de jornalismo do Instituto



de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, onde obtive uma segunda colocação, que me surpreendeu e me estimulou a seguir adiante.

Como universitário, transitei pelas redações de jornais como “Última Hora”, vivendo seus momentos de agonia; depois trabalhei em “O Dia”, onde tomei contato com a violência do cotidiano das periferias do Rio, e em “O Globo”, em diversas editorias. Já próximo de tornar-me bacharel tive a honra de trabalhar em “O Estado de S. Paulo”, ao lado dos “cobras” da época.

Nesse meio tempo, antes da formatura, participei do Centro Acadêmico e com outros companheiros editamos um jornal alternativo chamado “Bagaço”, que foi muito útil para todos nós, como exercício de liberdade, e representou um tijolo a mais na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita e pela redemocratização do País.

Ainda no Rio, e como resultado da observação da efervescência cultural em Manaus, nos anos 60, com o Clube da Madrugada, fiz algumas imersões na poesia, então denominada “Poesia Marginal”, porque publicávamos nossos poemas reproduzidos em mimeógrafos, à margem da censura política. Alguns desses poemas estão no livrinho de antologias como “Ebulição da Escrivatura” (Editora Civilização Brasileira, RJ, 1977), “Marupira” (Edições Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1988) e “A poesia amazonense no século XX” (Editora Imago, RJ, 1998).

No final de 1979, a saudade das origens bateu muito forte. Tomei um avião e, deixando para trás quase uma década de muita atividade, voltei para Manaus, onde prestei concurso para professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Amazonas.

Em 1982, parti para S. Paulo para cursar pós-graduação, em nível de mestrado, em Cinema e Teatro. Em 1984, com Selda Vale da Costa, escrevemos um libelo contra a venda e a destruição do Cine Guarany, um símbolo para várias gerações de amazonenses. Esse livrinho, “Hoje Tem Guarany”, teve tanta repercussão, que até mesmo Carlos Drummond de Andrade entrou na briga, escrevendo uma crônica carinhosa, “Manaus e a história de um cinema” (JORNAL DO BRASIL, 31/1/84), na qual dizia, entre outras coisas:

“Que eu saiba, até agora não se publicara livro algum para contar a história de uma casa cinematográfica brasileira. Essas casas nascem, vivem e morrem como as pessoas, mas a morte é sem ruído. E o que delas ficou na vida do povo, a soma de prazer e emoções que elas criavam, desaparecem também. Quem se lembra de sentar para escrever da vida e morte de um cinema? Eis que, para evitar precisamente que



um cinema querido do povo desapareça, surge pequeno livro contando a história do velho Guarany, de Manaus”.

Em 1987, defendi minha dissertação de mestrado, “Manaus, anos 60: a política através do cinema”, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que depois se transformou no livro “A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60”, editado pela Universidade do Amazonas. Nesse trabalho, recupero o cineclubismo e toda a movimentação em torno do cinema tendo como pano de fundo a utopia de várias gerações de promover mudanças políticas profundas em nosso País e no mundo.

Ainda com Selda Vale da Costa, escrevi “No rastro de Silvino Santos”, editado pela então Superintendência Cultural do Amazonas, em 1987.



Foto: Nelson Noronha



Foto: Nelson Noronha

No interior do longo processo de democratização da universidade brasileira, tive a honra de ser conduzido, por votação direta, em 1988, a Pró-Reitor de Assuntos Comunitários da Universidade Federal do Amazonas (1989-2003), quando por diversas vezes assumi a própria reitoria.

Em 1991, pelas mãos de Luiz de Miranda Corrêa, fui chamado a participar, durante dois anos, do Conselho Estadual de Cultura, ao lado de intelectuais da enver-



gadura de Luiz Bacellar, João Chrisóstomo, Moacir Andrade e Nestor Nascimento. Foi um período muito rico em que realizamos o II Seminário da Revisão Crítica da Cultura no Amazonas, retomando uma iniciativa histórica dos anos 1960, destinada a lançar novos olhares sobre políticas de cultura.

Em 1994, parti novamente para S. Paulo, desta vez, para cursar o doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo, de onde voltei, em 1998, com a tese, transformada em livro, pela Editora Valer, Manaus, 2000, chamada “Ficção e Política: o Brasil nas minisséries”.

Ainda em 1994 tive a satisfação de acompanhar a “Caravana da Cidadania”, do então candidato à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, entre Manaus e Belém, da qual resultou o relato de viagem “Caravana das Águas”, incluindo no volume “Viagem ao coração do Brasil” (Editora Scritta, São Paulo, 1994).



Discurso de Posse na Academia Amazonense de Letras
Acervos de Selda Vale da Costa





No retorno do doutorado, além das atividades acadêmicas, nova missão política: exerci, por dois anos, a presidência da Associação de Docentes da Universidade do Amazonas.

No plano local, já mantive colaboração regular em jornais como: “A Notícia”, “Amazonas em Tempo”, “Jornal do Comércio”, “A Crítica” e, atualmente, colaboro no “O Estado do Amazonas”.

No âmbito da universidade, desenvolvo disciplinas junto ao curso de Jornalismo e junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, além de manter colaboração com revistas científicas como “Revista Brasileira de Comunicação”, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/Intercom, de cuja instituição sou atualmente membro do Conselho Consultivo; “Comunicação e Sociedade”, do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de S. Bernardo do Campo; “Somanlu” (Revista de Estudos Amazônicos), Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia; Revista “Veredas” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília (SP); e revista “Société brésiliennes: education, travail, developpement”, editada pela L’Harmattan, na França.

Por último, motivo de extrema alegria e emoção, no dia 22 de outubro de 2004 tive a honra de ser eleito para ocupar a Poltrona de número 15, da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é Graça Aranha e o último ocupante foi o escritor João Mendonça de Souza. Pela mesma época, um grupo de 16 ilustres membros do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas encaminhava documento à presidência da Instituição, indicando o meu nome para compor seus quadros como membro efetivo.